

Gestão Ambiental e Sustentabilidade nas TERRAS INDÍGENAS DA CAATINGA



TI Caiçara/Ilha de São Pedro

Boletim Informativo CGGAM n. 02 – 2019

APRESENTAÇÃO

O Boletim Informativo “Gestão Ambiental e Sustentabilidade nas Terras Indígenas da Caatinga” apresenta iniciativas realizadas em cinco Terras Indígenas localizadas no Bioma Caatinga: Tingui-Botó, Pankararu, Xukuru-Kariri, Wassu-Cocal e Caiçara/Ilha de São Pedro, que articulam práticas de gestão ambiental com produção sustentável. O objetivo desta publicação é divulgar essas iniciativas mostrando como ações comunitárias simples podem contribuir com a sustentabilidade da Caatinga, que é o bioma brasileiro menos conhecido, protegido e pesquisado. De acordo com dados do Ministério do Meio Ambiente, apenas 8,4% de sua área são áreas protegidas e cerca de 45% do bioma é desmatado.

A Caatinga, “Mata Branca” na origem Tupi, é o único bioma exclusivamente brasileiro, que abriga cerca de 28 milhões de pessoas e ocupa 844 mil quilômetros quadrados (11% do território nacional) nos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais. A população indígena na Caatinga é em torno de 90 mil habitantes de 45 diferentes povos, em 36 Terras Indígenas. O bioma possui vegetação adaptada ao clima semiárido, é heterogêneo, rico em biodiversidade e possui um patrimônio biológico não encontrado em nenhum outro lugar do mundo. Pode-se afirmar que a Caatinga é a região semiárida mais rica em espécies do mundo.¹

Essa grande riqueza se reflete também na diversidade cultural e no potencial criativo da população que habita a Caatinga, notadamente os povos indígenas, cujos territórios se destacam na conservação desse importante bioma.

“Os territórios indígenas cumprem papel central na conservação do Cerrado e da Caatinga e conectam diferentes biomas do país. Prestam importantes serviços ambientais como a manutenção de recursos hídricos, contenção do desmatamento e redução das emissões de carbono na atmosfera. Além de serem responsáveis pelas áreas protegidas mais bem conservadas nesses biomas, os povos desses territórios são detentores de conhecimentos e de práticas tradicionais de manejo, recuperação e conservação dessa biodiversidade.”²

É, portanto, de grande relevância compreender e divulgar práticas indígenas de produção sustentável e gestão ambiental que se destacam como alternativas de geração de renda, fortalecimento cultural e proteção territorial e ambiental, dando visibilidade à Caatinga como espaço de persistência, criatividade, diversidade e beleza: como espaço de vida.

A “Carta dos Povos Indígenas do Cerrado e da Caatinga”, publicada durante o Seminário “Desafios da Gestão Territorial e Ambiental das TIs dos Biomas Cerrado e Caatinga”, realizado em Brasília, no mês de setembro de 2018, indica a necessidade de valorizar os produtos da sociobiodiversidade, incentivar a implantação de sistemas agroecológicos e quintais produtivos, conscientizar sobre uso de agrotóxico e estimular produção agroecológica, entre outras demandas dos povos indígenas do Cerrado e da Caatinga para os gestores públicos. Posto isso, compreendemos que a divulgação de práticas indígenas de produção sustentável e gestão ambiental colabora para o atendimento dessas demandas, fortalecendo as experiências e multiplicando os saberes.



PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL NA TI CAIÇARA/ILHA DE SÃO PEDRO³

Apartir de um intercâmbio entre as Terras Indígenas Wassu-Cocal e Caiçara/Ilha de São Pedro, iniciaram-se os trabalhos de apicultura na Ilha. A atividade aconteceu há mais ou menos seis anos, quando o seu Carlinhos, apicultor de Wassu, e o José da Rosa⁴, consultor, foram à Caiçara/Ilha de São Pedro prestar assistência técnica para manejo de colmeias e aplicação das boas-práticas na apicultura.

A Terra Indígena Caiçara/Ilha de São Pedro, onde vive o povo Xocó, encontra-se no município de Porto da Folha - Sergipe, possui 4.316 hectares homologados⁵ e uma população de 340 pessoas (Sesai, 2014). Tem como atividades de produção mais importantes as roças, pescaria e criação de animais, que garantem a segurança alimentar e podem vir a gerar renda⁶, e, ainda, a produção do mel.

Desde a regularização do seu território, o povo Xocó tem trabalhado em sua recuperação ambiental, que resulta num total de 81% do território em estágio avançado de regeneração.⁷ A apicultura contribui para essa recuperação ambiental, com manutenção da vegetação nativa da caatinga e das margens do rio, bem como das escassas fontes e cursos d'água existentes. A atividade ainda contribui com a vigilância territorial, por inibir a entrada de invasores (caçadores, extração ilegal de madeira, invasão de gado da vizinhança).

As atividades de apicultura contam, atualmente, com 50 caixas de abelha, distribuídas por duas áreas de produção, a maioria na beira do rio, por causa da oferta de água para as abelhas e da vegetação nativa, e a outra parte na caatinga, em áreas não muito distantes do rio, ou próximas de pequenos açudes. A florada utilizada na apicultura é, em sua maior parte, decorrente da vegetação nativa, mas existe também outra oferta menor de florada, resultante do plantio de cinco linhas de Moringa oleífera em cerca de meio hectare de terreno. O objetivo desse plantio, além de oferecer florada às abelhas, é o futuro aproveitamento da parte aérea da moringa para alimentação humana e animal.⁸

Ao longo do ano, existem três momentos principais de coleta do mel: durante o mês de janeiro, quando há chuva esparsa e a caatinga floresce rapidamente; nos meses de março a abril, a chamada “invernada”, um período com

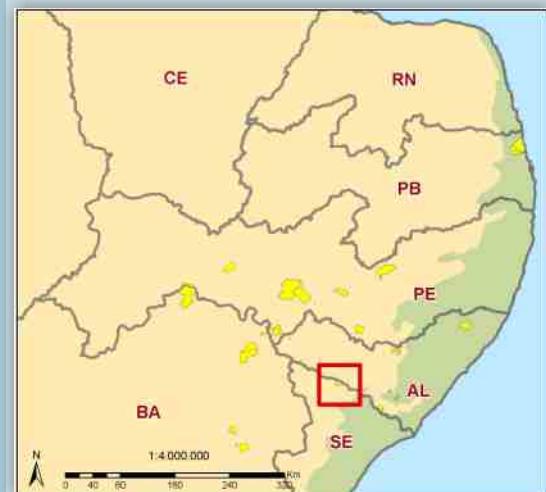
um pouco mais de chuva e florada; e no mês de agosto, conhecido como “inverno” no sertão, quando ocorre até dois meses de chuva, quando acontece a safra principal.

Apesar de a adesão da comunidade ao desenvolvimento das atividades de apicultura não ser tão grande, a produção total do mel é expressiva, resultando em cerca de 2.400 quilos por ano, com grande aceitação no mercado e sendo vendido em sua totalidade, sem se amontoar ou se perder em estoques. Essa venda é feita tanto dentro quanto fora da comunidade.

Além da apicultura, as famílias também trabalham na pesca artesanal e comercial no Rio São Francisco. E, ainda, em plantações de frutas, como abacaxi, banana, mamão. Os excedentes são vendidos em feiras, principalmente na cidade de Pão de Açúcar - AL, vizinha à Terra Indígena.



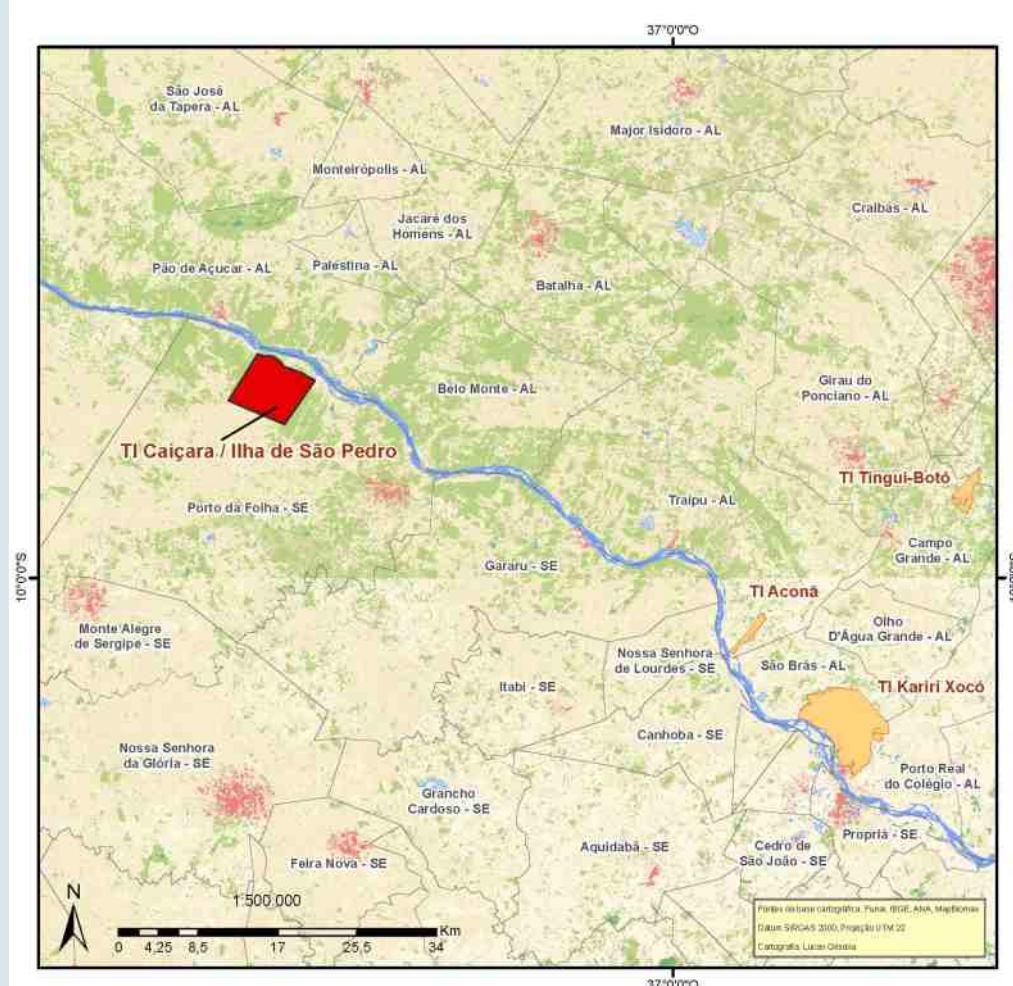
De acordo com Franklin, produtor agrícola do povo Xocó, a agricultura na comunidade Xocó é exclusivamente agroecológica, dado que os produtos ofensivos prejudicam tanto o meio ambiente quanto a saúde humana, “então a gente prefere trabalhar do modo antigo e mais tradicional”. Assim, os tratamentos para controle de pragas são feitos com substâncias naturais à base de nim, com urina de bovino, extratos com a pimenta, tratamentos mais rústicos; “mas um pouquinho de paciência funciona também”⁹.



TI Caiçara/Ilha de São Pedro Contexto Regional

Outro cuidado que se tem na agricultura é com o sistema de irrigação, que ocorre por meio da microaspersão ou do gotejamento, para que o rio não seja afetado e o solo não seja compactado. É importante ressaltar, ainda, a proteção das matas ciliares na Terra Indígena. Preservam-se cerca de 30 a 40 metros da margem do rio, isso dos dois lados, porque se trata de uma ilha.

“Então, mesmo hoje estando seco, pela baixa do Rio São Francisco, a gente não desmata, porque um dia vai chegar água ali e, onde passa o fluxo o rio, a gente tem uma proteção de mata.¹⁰”





Referências

- ¹LEAL, Inara R. TABARELLI, Marcelo. SILVA, José Maria C. (Ed). Ecologia e conservação da caatinga. Ed. Universitária da UFPE, 2003.
- ²VASCONCELOS, Jorge. Plano de divulgação do bioma Caatinga. MMA: Brasília
- ³Carta dos Povos Indígenas do Cerrado e da Caatinga – Desafios para a Gestão Ambiental e Territorial das Terras Indígenas. Set/2018. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/5058-carta-dos-povos-indigenas-do-cerrado-e-da-caatinga-desafios-para-a-gestao-ambiental-e-territorial-das-terras-indigenas?limitstart=0#2>
- ⁴Texto elaborado em diálogo com os produtores indígenas, da Terra Indígena Caiçara/Ilha de São Pedro, Ricardo (Pardal) e Franklin.
- ⁵O consultor José da Rosa trabalhou como colaborador eventual a CGETNO, prestando assistência técnicas em apicultura nas Terras Indígenas.
- ⁶Etapas do Processo de Demarcação: i) Estudos de identificação e delimitação; ii) Contraditório administrativo; iii) Declaração dos limites; iv) Demarcação física; v) Levantamento fundiário de avaliação de benfeitorias implementadas pelos ocupantes não-índios; vi) Homologação da demarcação; vii) Retirada de ocupantes não-índios; viii) Registro das terras indígenas na Secretaria de Patrimônio da União.
- ⁷Informação retirada da publicação acerca do Etnomapeamento da Terra Indígena Caiçara/Ilha de São Pedro, fruto de uma parceria entre o povo Xocó, a Fundação Nacional do Índio (Funai), o Projeto de Gestão Ambiental e Territorial Indígena (GATI) e a Associação Nacional de Ação Indigenista (Ana).
- ⁸Informação retirada da publicação acerca do Etnomapeamento da Terra Indígena Caiçara/Ilha de São Pedro, fruto de uma parceria entre o povo Xocó, a Fundação Nacional do Índio (Funai), o Projeto de Gestão Ambiental e Territorial Indígena (GATI) e a Associação Nacional de Ação Indigenista (Ana).
- ⁹Informações dadas em entrevista com o Ricardo (Pardal), apicultor do povo Xocó.
- ¹⁰Entrevista com Franklin, do povo Xocó.
- ¹¹Entrevista com Franklin, do povo Xocó.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
 SCS Q. 9 - Ed. Parque Cidade Corporate - Torre B
 Telefones: 3247-6815 / 3247-6636 / 3247-6729
 Brasília-DF - 70308-200



MINISTÉRIO DA
 JUSTIÇA E
 SEGURANÇA PÚBLICA



Gestão Ambiental e Sustentabilidade nas Terras Indígenas da Caatinga

Ficha Técnica

Pesquisa, Redação e Organização:

Vera Olinda Sena Paiva
 Clara Teixeira Ferrari
 Lucas Guimarães Grisolia
 Gabriel Silva Pedrazzani
 Fernanda Tibana Machado
 Leiva Martins Pereira
 Marcos Sabarú (Tingui Botó)

Entrevistados:

Marcos Sabarú (Tingui Botó)
 Ricardo dos Santos (Xocó)
 Carlos Gomes de Freitas (Wassú)
 Franklin Melo Freitas (Xokó)
 Celso Xukuru
 Gecinaldo Xukuru-Kariri

Colaboradores:

Marcelino Soyinka Dantas – CR NE I
 Francimar da Silva Albuquerque – CR BSF
 Denisval Diniz Botelho – CR NE I
 Gilberto da Silva – CR NE I

Realização:

Fundação Nacional do Índio – FUNAI
 - Diretoria de Promoção ao Desenvolvimento Sustentável – DPDS
 - Coordenação Geral de Gestão Ambiental – CGGAM
 - Coordenação Geral de Promoção ao Etnodesenvolvimento – CGETNO
 - Coordenação Regional Nordeste I
 - Coordenação Regional do Baixo São Francisco

Mapas:

Lucas Guimarães Grisolia

Revisão Textual:

Fernanda Tibana Machado

Fotos:

Xocó © Gilberto da Silva/Funai

Projeto Gráfico:

Marli Moura - Sediv/Cogedi/CGGE